

SIMILITUDES

Nasci em frente ao mar.
Meu primeiro vagido
misturou-se ao fragor do seu bramido.

Tenho a vida do mar!
Tenho a alma do mar!

A mesma inquietude indefinível,
que nele é onda, e é em mim anseio,
faz-nos tremer, faz-nos fremir, faz-no vibrar.
Às vezes, creio
que da minha loucura do impossível
sofre também o mar.
Tenho a sua amplidão iluminada
- o meu amor; e seu velário de brumas
- minha mágoa.

Ruge a tormenta... e o que ele faz com a frágua:
embates colossais,
faço com a minha fé petrificada...
fé que tudo se extingue em turbilhões de espumas
e de lágrimas... Destinos abismais!...

Um poeta, um destino

GEORGENOR FRANCO

Escritor/Membro da Academia Paraense de Letras

No dia de hoje, no ano de 1908, nascia na então vila de Pinheiro, hoje Icoaraci, um dos maiores, se não o maior dos poetas paraenses: - Antonio Nazaré Frazão Tavernard, o Toni das rodas boêmias e dos círculos íntimos da família.

A vida – a curta e luminosa vida desse cantor de amarguras e misérias sociais e humanas – é uma das mais belas e impressionantes páginas de sofrimento, e resignação que o destino escreveu na história do tempo.

Sua pena e seu cérebro, que, à maneira de um personagem de Alphonse Daudet, eram de ouro, estiveram sempre a serviço, não só da poesia, mas da prosa elevada e escorreita, da crítica serena e segura, das grandes causas humanas e dos mais sérios problemas sociais, muitos dos quais até hoje, apesar dos esforços do governo federal, sem solução plena e satisfatória.

Recolhido desde os seus dezoito anos ao “Rancho Fundo”, pequeno “chalet” erguido nos fundos da residência da sua família, à Avenida Conselheiro Furtado, à época em que, superiormente confiante em Deus, reconheceu a desgraça de seu destino de moço, Tavernard, ali, iluminado pelos conselhos santos e pelos carinhos doces de sua mãe desvelada, escreveu as mais belas e primorosas páginas de literatura, vazadas, todas, num estilo todo seu, próprio, personalíssimo.

Nas noites de Natal e S. João, seu pai – Sr. Othílio Tavernard, funcionário aposentado da Santa Casa de Misericórdia – e que era no dizer do maravilhoso criador de Fêmea – “o incansável Papai Noel de todos os dias de minha vida” - fazia farta distribuição de brinquedos e pistolas douradas aos menores pobres do bairro onde

Guarda em si tempestades que estraçoam,
coléras formidáveis em mim guardo...
Sobre o meu pensamento, idéias voam,
voam alciões sobre o seu dorso pardo...

Meu gigantesco irmão,
senhor do cataclismo,
se tens, por coração, um negro abismo,
eu tenho, por abismo, um coração.
Dentro de ti, quantos naufrágios, quantos,
de naves rotas pelos vendavais?!...
E, dentro em mim, sob aguaçais de prantos,
quantos naufrágios, quantos, quantos,
de sonhos, de ilusões e de ideais?!...

Faço trovas a alguém que não posso beijar
tal como tu, na angústia de querê-las
sem as poder tocar,
fazes, nas noites brancas de luar,
serenatas inúteis às estrelas...

Sou bem fraco, porém, e tu és forte...
Nada te vencerá, há de vencer-me a morte...
Embora!... Mar morto, água dormida
que por mais nada nem de leve ondeia,
hei de deixar meus versos pela vida,
como tu deixas âmbar pela areia!...

residia, que Toni assistia da janela do “Rancho Fundo”.

Em sua biblioteca, composta de mais de trezentos volumes, figuram obras de Coelho Neto, Eça de Queiroz, Machado de Assis e Olavo Bilac e uma centena de escritores nacionais e estrangeiros.

No “Rancho Fundo” reuniam-se os seus amigos e confrades em bonitas tertúlias literárias e, às vezes, a voz maviosa dos violões cortava o silêncio contagiado de vício e pecado da noite em trechos melodiosos de músicas tristes.

Em 1929, quando escreveu o livro *Fêmea*, editado em 1930, Antonio Tavernard, referindo-se à infância abandonada que vive – dizia ele – “entre quatro paredes de cortiços ignóbeis, valas comuns de viventes, onde seres humanos se amontoam em miscelânea repugnante, em promiscuidade abjeta”, afirmava: - “É a ignorância que lhes pôs na mão o copo vergonhoso, a gazúia rotoneira e o punhal homicida, enfurnou-se nos ergástulos, alçou-os ao cadafalso, atou-os ao pelourinho, jungiu-os ao potro, chumbou-os à galé, estigmatizou-os com a flor de Lis infamante”.

E aconselhava ao chefe de família – “operário e bêbedo nas horas vagas”: - “Põe na mão do teu filho o archote de uma cartilha, presenteia-o com as vinte e cinco letras gêmeas do abecedário, oferta-lhe um livro – a única lâmpada de Aladim, transforma-o de bugalhão em diamante, de gangrena em aurora, de cogumelos em carvalho, de lura em catedral, de vermina em estrela, de mendigo em nababo, de transfuga em senhor”.

O poeta sublime, que “era feliz dentro da infelicidade” e que sabia, conscientemente, não existir no seu pranto claro “uma só gota de arrependimento”, fez os estudos primários no Colégio Santa Mônica, nesta capital, sob a direção da professora Clarisse Proença e, particularmente, com o professor Pereira de Castro. Matriculou-se, em seguida, com onze anos de idade, no Ginásio Paes de Carvalho, fazendo o curso completo de preparatórios. Terminado o curso de humanidades, matriculou-se na Faculdade de Direito do Pará, no ano de 1925, quando também recebeu a caderneta de reservista de segunda categoria. Coursou apenas o primeiro ano. Por quê? Porque naquela época teve início a história amarga, a tragédia impressionante do “Rancho Fundo”.

O fundo sociológico de seus contos - os de Fêmea - é notável. Ninguém até hoje nos descreveu melhor o subúrbio de Belém nem nos falou com mais humana verdade do que ele sobre o drama anônimo do proletariado, que, era, na afirmativa de Tavernard, “um formigueiro arrastado pela fome ao trabalho e devolvido do trabalho com a fome.”

Em cada página escrita deixou, vibrando de harmonia emocional, verdades imensas.

Sabendo que em “toda mulher há um anjo e um sapo, e bem leva-las-á quem na ocasião propícia souber e puder apresentar um charco ao batráquio e um paraíso ao querubim”, e, ainda, por saber que “a alma das mulheres é uma alma devoluta onde se pode erigir um prostíbulo ou um templo, sendo o arquiteto o seu próprio pudor”, compreendeu que “mil mulheres não valem a lágrima de uma mãe velhinha e trêmula, porque “as mães são sempre mais mães quando os filhos são mais desgraçados”.

Em 1930, de parceria com Fernando Castro, publicou a alta comédia *A menina dos 20.000*. Escreveu depois as revistas *A casa da viúva Costa*; *Seringadela*; *Que tarde!*; *Parati*, todas levadas em cena nesta capital, sendo a segunda e a quarta por acadêmicos de Direito.

Aos 19 anos de idade obteve o segundo lugar no concurso de contos nacionais da revista “Primeira”, da qual foi assíduo colaborador. Foi redator-chefe da revista “A Semana”, tendo colaborado em quase toda a imprensa do país.

Temia morrer fulminado por um colapso cardíaco. E foi do que veio a falecer, às 8 horas da manhã do dia 2 de maio de 1936, aos 28 anos de idade.

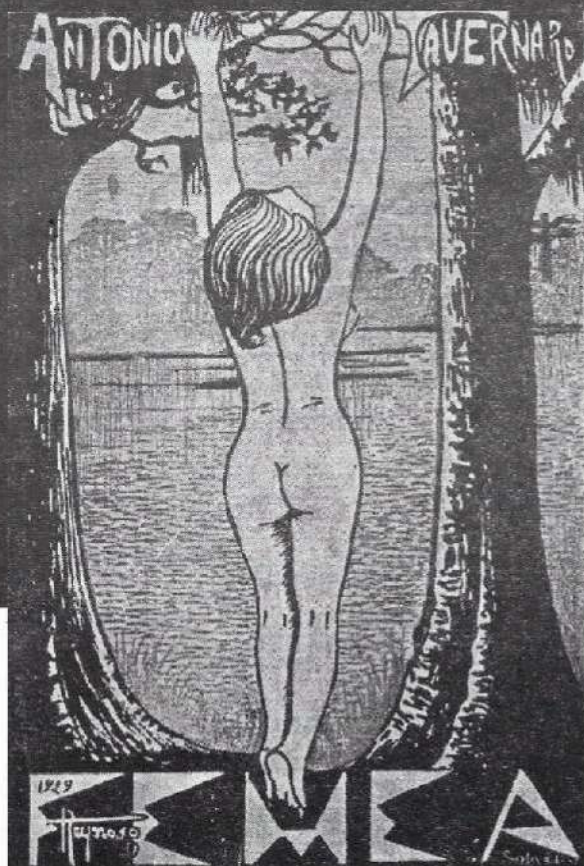
Deixou inéditos o romance *Os Sacrificados*, o livro de poesias *Bárbaros e Místicos* e um livro de contos *Vozes Tropicais*, obras que deviam ser editadas como uma justa homenagem ao grande poeta e conteur.

Sua lira tinha a sutileza dos encantos dolorosos, a ânsia do bem perfeito e a suavidade das perfeitas emoções. Grande no sofrimento, foi maior na compreensão da vida, dos homens, das coisas e do mundo. Mas quase ninguém o compreendeu. E quem, no mundo de fariseus, entende a voz da Dor e da Verdade?

Por isso interrogou, certa vez:

“Que mal lhes fez minha alegria louca,
essa alegria comum que há
em toda a mocidade? Por ventura
eu não tenho o direito de ser feliz?”

Mas foi feliz o Toni dos proletários, das prostitutas, da miséria, da angústia, da resignação e do perdão. O Toni que sofreu sem protestar, que morreu acreditando em Deus. Foi feliz, porque foi poeta e, por isso, com elegância e sentimento, deu à vida versos enquanto esta lhe ofertava, com carinho de noiva feliz, “a doce mãe dos imortais - a dor”.



Da “Folha do Norte”, edição de 10.10.1944

“Venho de alguma essência embrionária



para finalidades que não sei



com farrapos na vida, como um pária,



com púrpuras no sonho, como um rei...”

Antonio Tavernard